

Levantamento de contextos de dificuldades de pronúncia do 'th' na Língua Inglesa considerando sua inteligibilidade¹

DANIEL DE OLIVEIRA PAIVA

Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP.

Campus Guarulhos. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

e-mail: daniel.paiva@gmail.com

Orientadoras: Profa. Dra. Renata Philippov e Profa. Dra. Terezinha Maria Sprenger.

Resumo: Pronunciar o 'th' corretamente é uma das dificuldades dos brasileiros que estão aprendendo o inglês como LE. Adicionamos a esta já conhecida dificuldade o polêmico debate sobre a inteligibilidade da pronúncia na língua inglesa, tentando levantar os contextos em que uma pronúncia pode ou não ser compreensível mesmo que apresente um fonema diferente do esperado.

Palavras-chave: Ensino de língua inglesa; Inteligibilidade; fonemas do "th".

Abstract: Pronouncing the 'th' correctly has been one the difficulties of Brazilians while learning English as a second language. We will add to this already known difficulty the polemic debate on the intelligibility of the pronunciation in English, trying to raise the contexts in which a pronunciation may or may not be understandable, even if it presents a phoneme different from what is expected.

Keywords: English language teaching; intelligibility; "th" phonemes

Introdução

Esta pesquisa se deu durante o projeto de bolsa acadêmica de monitoria de Inglês da Universidade Federal de São Paulo, que ocorreu durante o segundo semestre de 2010 e o primeiro de 2011, que tinha como objetivo assistir, em sessões que ocorriam durante toda a semana, aos alunos de Letras cuja habilitação é Português/Inglês, por meio de aulas que visavam a explorar e desenvolver as habilidades dos alunos com exposições, reflexões e interação com a Língua Inglesa e suas literaturas em diversos

¹ Este artigo teve origem em projeto de monitoria de Inglês, desenvolvido na Universidade Federal de São Paulo junto com Jessica Barreto Barbosa da Silva, como exigência de relatório de pesquisa do projeto.

tipos de exercícios. Conjuntamente às aulas nosso exercício de pesquisa também buscou levantar contextos de dificuldade de pronúncia da Língua Inglesa por parte dos alunos que usufruíram do projeto. Restringimo-nos aos fonemas /T/ e /D/, os fonemas desvozeado e vozeado que correspondem à pronúncia do 'th' na Língua Inglesa². Estes alunos tinham considerável conhecimento de Fonética e da Fonologia tanto da Língua Portuguesa quanto da Inglesa, e nível intermediário de fluência em inglês. Procuramos considerar a inteligibilidade da pronúncia em nossa análise, sabendo que essa é uma questão cuja resposta ainda não é definitiva. Escolhemos adotar principalmente a visão de Gomes (2010) sobre o assunto, porém apoiada em argumentos de outros autores. Esperamos contribuir para o desenvolvimento desta questão com os resultados de nossa pesquisa, além de proporcionar ideias para trabalhá-la ainda mais.

Fundamentação teórica

Kenworthy (1987) sugere que uma das preocupações do professor deve ser a de produzir uma pronúncia sem sotaque estrangeiro. Os fonemas devem ser apresentados aos alunos, e dicas de como pronunciá-los devem ser dadas. Deve-se também ter em mente se o inglês a ser aprendido/ensinado representa a variação americana, britânica, australiana, etc. Essas vertentes apresentarão diferenças consideráveis quanto à pronúncia.

Quatro itens são importantes na hora de analisar estas variantes: sons, acentos, ritmo, entonação. O professor deve levar o aluno a se adaptar aos novos padrões que estarão presentes nestes itens ao serem associados a uma nova língua. O nível de exposição a um ambiente cujos falantes têm um nível de fluência alto contribuirá para que o aluno apresse sua aquisição.

Ainda que Kenworthy tenha sua importância, devemos ressaltar que certos pontos serão reconsiderados por nós. Não acreditamos que deve ser uma preocupação do professor eliminar o sotaque estrangeiro. Esse não contribuirá para nem prejudicará a aquisição da LE. Em vez disso, a aquisição de uma língua se dará na medida em que o aluno aprenda a realizar práticas sociais por meio deste novo código.

Gomes (2010) trata sobre o assunto. A autora levanta perguntas como: Deve-se ensinar pronúncia explicitamente na sala de aula ou não? O ensino de pronúncia deve ser uma prioridade para o professor e para o aluno? Ou isto virá de qualquer maneira, e o professor deve utilizar o tempo da aula com outros exercícios?

Acreditamos que, devido à popularização da Língua Inglesa e à ideia dela como língua franca, novos rumos são exigidos para seu ensino. Devido à grande quantidade de L1 que poderá ser usada no ensino de inglês como LE, contendo diversos traços fonéticos que podem afetar a inteligibilidade da pronúncia, consideramos que, se anteriormente entendia-se como escolha do professor ensinar pronúncia explicitamente ou não, hoje não é mais o caso, sendo necessário ensiná-la, contudo sem que esse método se sobreponha a outras aproximações com a língua. O ensino de pronúncia é mais um

² Exemplos de palavras que usam estes fonemas são, para /T/: *thought*; e para /D/: *though*.

dos elementos necessários na composição do ensino de Língua Inglesa. O desenvolvimento da pronúncia virá ao aluno, em parte, por meio de suas próprias observações, porém certos comportamentos da língua não serão tão facilmente percebidos e assimilados; tendo isso em mente, o professor deve trabalhar os contextos de dificuldade de pronúncia agindo como facilitador do processo de aprendizagem do aluno.

Anteriormente, o ensino de Inglês existia considerando-se esta língua no mesmo status das demais. Com o aumento da tecnologia, porém, ela se tornou uma língua de alcance internacional, e as chances de alguém que não a tenha como língua materna se comunicar com outra pessoa que também não a tem como tal crescem a cada dia. Este fator decisivo deve ser refletido e considerado no ensino desta LE em específico.

Gomes (2010) propõe que a pesquisa e o mercado são as duas grandes forças que impulsionam o ensino de Inglês e, perante a nova dimensão que este tem adquirido, deve-se rever como essas duas forças se relacionam com a ideia de língua franca: “A aceitação da variabilidade linguística, o foco na inteligibilidade, e a necessidade de comunicação com falantes de origens diversas vão exigir uma nova concepção de aquisição de linguagem para embasar o fazer pedagógico nas aulas de língua inglesa” (p. 2).

Segundo Celce-Murcia et al (2004), independentemente do método de ensino escolhido, este circulará entre uma abordagem ou imitativo-intuitiva ou linguístico-analítica. Na primeira abordagem, o aluno absorverá os conhecimentos pela boa imitação de uma produção correta da língua. Na segunda, diversos recursos serão apresentados ao aluno para que este reflita sobre a língua e a descubra. Concordamos com a autora, considerando que estas duas abordagens não são coisas tão distintas, mas duas partes de um único processo, coexistindo e contribuindo uma com a outra durante a aquisição de língua.

Hoje em dia, o ensino de LE varia de acordo com as necessidades do aluno e, portanto, a pronúncia pode ser relevante ou não dependendo do caso. O Inglês para necessidades profissionais ou acadêmicas, ou mesmo o Inglês instrumental (sendo este último o que mais varia quanto a abordar a pronúncia ou não, agregando diversos possíveis objetivos) são exemplos de casos nos quais nem sempre se tem preocupação com o ensino de pronúncia. Gomes (2010) cita uma pesquisa de Jones com materiais específicos para ensino de pronúncia que esta adaptou para livros didáticos. Segundo Jones (2002, *apud* Gomes, 2010), os exercícios que têm sido propostos são descontextualizados e ineficazes; na maioria das vezes o professor não ensina certas regras de pronúncia porque nem ele mesmo as conhece. Acreditamos que em algumas situações isso realmente seja o caso, mas não seria apenas por falta de conhecimento que o professor pode escolher não ensinar pronúncia. A solução sugerida é criar materiais personalizados para tentar atender às necessidades de cada tipo de aluno. No Brasil, três livros se posicionaram desta maneira: Schumacher et al (2002); Godoy et al (2006); Lieff et al (2010), nos quais há exercícios específicos para ensino de pronúncia para brasileiros.

Desde a década de 1980, o número de falantes de Inglês como segunda língua ou língua estrangeira superou em muito o número de falantes nativos de inglês. Quanto ao ensino de pronúncia “é evidente que, diante dessa realidade, a busca por uma pronúncia próxima do falante nativo não deve ser o objetivo da maioria dos aprendi-

zes” (GOMES, 2010 p. 6). Consideramos que, de fato, não é necessário que não haja nenhum resquício da L1 do aprendiz de inglês para que este tenha uma pronúncia correta; contudo, consideramos, diferentemente de Gomes que, a pronúncia deve ser o mais próxima possível dos nativos, e por isso mesmo se justifica o ensino de pronúncia, para facilitar ao aluno analisar e extrair os elementos fonéticos corretamente. Muitos falantes mantêm características fonéticas de suas línguas maternas e estas características devem ser reduzidas até ao ponto de produzirem um inglês inteligível, porém não necessariamente eliminadas. Corbett (2010, p. 1) propõe que o ensino de Inglês como língua estrangeira seja para que o aluno possa realizar atividades sociais de diversos contextos em vez de simplesmente ser capaz de reproduzir as “convenções” dos falantes nativos de inglês.

Colocar a inteligibilidade em primeiro lugar implicaria, por exemplo, para o ensino aos brasileiros, alterações de como o “th” é pronunciado, tendo variações para os desvozeados entre [s] e [f], e para os vozeados em [d]. Esta questão, entretanto, é muito debatida. Nós acreditamos que há contextos nos quais podemos considerar uma pronúncia que guarde resquícios da L1 do falante, contudo nem sempre isso será possível; citamos como exemplo: *I think a lot*. Se pronunciado com [s], teríamos: *I sink a lot*, prejudicando a inteligibilidade do enunciado. Segundo Smith (1982) a familiaridade do ouvinte com o sotaque produzido pela L1 do aprendiz de inglês será um fator importante para que haja inteligibilidade. Em nossa pesquisa fomos também os ouvintes; logo, o que consideramos foi a inteligibilidade para ouvintes falantes de inglês que possuem familiaridade com o sotaque brasileiro.

O dilema do ensino de inglês não se restringe mais à variante americana versus a britânica, muito menos a certo e errado. Nesse novo contexto de língua internacional que o inglês adquire cada vez com mais força, os métodos de ensino devem ser revistos para acompanhar as novas exigências apresentadas.

Metodologia da pesquisa

Fizemos uma pesquisa exploratória na qual analisamos qualitativamente os dados visando a entender os contextos de dificuldade de pronúncia do ‘th’ em nossos sujeitos, três alunos do curso de Letras com habilitação Português/Inglês. Primeiramente exploramos o ensino da pronúncia de /T/ e /D/ em sessões de monitoria de Inglês com os sujeitos. Para o momento de coleta de dados, preparamos, numa folha que foi entregue a eles, diversos itens em quatro categorias (a serem explicadas mais a frente) aumentando progressivamente o nível de dificuldade. Pedimos aos alunos que pronunciassem desde palavras isoladas a parágrafos, e também um pequeno discurso preparado pelos sujeitos com 10 minutos de antecedência. A partir da pesquisa feita, organizamos e analisamos os dados que mostraremos considerando o que pode causar a ininteligibilidade da pronúncia de /T/ e /D/.

Sujeitos

Selecionamos três alunas para aplicação da pesquisa. O processo de seleção deu-se pela frequência e necessidades das alunas: os três sujeitos escolhidos eram os frequentadores mais assíduos das sessões de monitoria; logo, suas condições foram muito mais visíveis que a de outros indivíduos.

As três alunas, aqui identificadas como “A”, “B” e “C”, são alunas do curso de Letras, Habilitação em Português/Inglês. “A” e “B” foram alunas do quarto/quinto semestres; a aluna “C” foi aluna do segundo/terceiro semestres, dado o mesmo período anteriormente citado. As três participaram das sessões de monitoria em busca de desenvolvimento em alguma habilidade: escrita, leitura, compreensão e produção oral, sendo a última reconhecida por elas como a de maior carência.

Como educadores, ficamos satisfeitos em ver que a melhora é facilmente notada nos três sujeitos, pois todas, após participarem das sessões regularmente, criaram, então, maior desenvoltura ao falar, perdendo também a vergonha de errar, o medo de arriscar. O ensino de pronúncia feito de maneira explícita e intensiva durante as sessões claramente contribuiu para esse desenvolvimento.

Procedimentos para coleta e organização dos dados

Como processo de coleta de dados, decidimos gravar os três sujeitos em quatro momentos de pronúncia distintos que colocaram em questão os seguintes contextos (entenderemos contexto nesta pesquisa pelo conjunto de elementos: se uma palavra isolada, se uma sentença, ou um parágrafo): (1) leitura de palavras, (2) leitura de sentenças, (3) leitura de parágrafos e (4) um texto de criação dos sujeitos que, com o apoio de palavras-chave que escreveram, e a presença obrigatória de algumas palavras que selecionamos, falaram sobre o tópico “vida familiar”, com o qual eles tiveram tempo para leitura, compreensão e apreensão. Foi dado um tempo de dez minutos para criação do texto. Preparamos uma folha contendo itens desses quatro campos a serem analisados. Para cada campo colocamos itens que apresentassem o “th” em começo, meio e fim de palavras (anexada).

Procedimento para análise dos dados

Quanto à pronúncia dos três sujeitos, analisamos: se os fonemas do “th” estavam presentes, se um fonema que ainda preserva a inteligibilidade estava presente, ou se havia algum elemento que prejudicasse a inteligibilidade. Tudo o que prejudica a inteligibilidade foi levantado como um dos contextos de dificuldade de pronúncia do “th”. De acordo com a exposição de Gomes (2010), acreditamos que a pronúncia não é uma questão de certo ou errado, mas de inteligibilidade. Portanto, consideramos variações como [f], [s] para /θ/, e [d] para /D/, se produziram inteligibilidade ou não. Para melhor visualização da análise, tabelamos os dados colhidos e, então, analisados.

Análise de dados

Colocamos alguns itens que não se relacionam com o objetivo da pesquisa para despistarmos um pouco a atenção dos sujeitos, tentando assim criar uma pronúncia que não se preocupasse mais do que o normal com os fonemas em questão. Os itens pronunciados corretamente com os fonemas /θ/ e /D/ em seus ambientes usuais foram apenas marcados como corretos e nos dão caminho a ser explorado nesta pesquisa. Nosso objetivo é levantar os casos em que há dificuldade de pronúncia:

O sujeito A pronunciou todas as palavras isoladas usando /θ/ e /D/ em seus devidos lugares.

PALAVRAS
SUJEITO A
Hat (correto); Rat (correto); Herb (correto); Hour (correto); Habit (correto); Rabbit (correto); Thank (correto); Thousand (correto); Something (correto); Everything (correto); North (correto); Bath (correto); These (correto); Though (correto); Father (correto); Weather (correto)

Quanto às frases, no item (5), o sujeito pronunciou tanto “mother” quanto “brother” usando [d]. No item (6), pronunciou “breathe” usando [f] e “together” usando [d]. No item (7), o sujeito pronunciou “father” e “brother” usando [d], e “teethe” foi pronunciado como “teach”.

FRASES
SUJEITO A
(1) Something’s wrong here. (correto)
(2) Do you think she’s coming? (correto)
(3) Happy Birthday! (correto)
(4) She’ll be here on Thursday. (correto)
(5) My mother is going to bathe my brother. (incorreto)
(6) Let’s breathe together. (correto)
(7) My father hopes my brother will teethe soon. (incorreto)

No primeiro parágrafo, (1) foi pronunciado como “tree”; (5) foi pronunciado com [t] ao invés do fonema do th; (7) foi pronunciado com [t]; (9) foi pronunciado com [t] (mesma palavra de (7)); (10) foi pronunciado como “tree” (mesma palavra de (1)); (13) foi pronunciado como “tree” (mesma palavra de (1) e (10)); (14) foi pronunciado com [t].

PARÁGRAFO 1
SUJEITO A
(1) Three (<i>incorreto</i>) (2) thin (3) thieves (4) thought it was possible to come in (5) through (<i>incorreto</i>) the (6) bathroom window. (7) Thief (<i>incorreto</i>) number one (8) threw the rope and climbed up; (9) thief (<i>incorreto</i>) number two told number (10) three to count to (11) thirty and let go. (12) Thief number (13) three (<i>incorreto</i>) didn't know his math, counted to (14) thirteen (<i>incorreto</i>) instead, and (15) both fell into some (16) thorny bushes below.

No segundo parágrafo, (2) foi pronunciado com [d]; (3) foi pronunciado com [d]; (4) foi pronunciado com [d]; (5) foi pronunciado com [d]; (7) foi pronunciado com [d]; (9) foi pronunciado com “th” desvozeado; (10) foi pronunciado com [d]; (11) foi pronunciado com [d]; (13) foi pronunciado com [r]; (14) foi pronunciado com [d]; (15) foi pronunciado com [d]; (16) foi pronunciado com [d]; (17) foi pronunciado como “they”, usando [d]; (18) foi pronunciado com [d]; (19) foi pronunciado com [d]; (21) foi pronunciado como “brother”; (22) foi pronunciado com [d].

PARÁGRAFO 2
SUJEITO A
(1) These are my (2) mother (<i>incorreto</i>), my (3) father (<i>incorreto</i>) and my (4) brother (<i>incorreto</i>). (5) Although (<i>incorreto</i>) (6) they don't look like me, (7) there (<i>incorreto</i>) are many ways in which we are similar. (8) They are (9) trustworthy (<i>incorreto</i>) and (10) they (<i>incorreto</i>) never tell each (11) other (<i>incorreto</i>) lies. (12) Clothing is (13) rather (<i>incorreto</i>) unimportant to (14) them (<i>incorreto</i>), as (15) they (<i>incorreto</i>) believe it's what's inside (16) that counts. And (17) the (<i>incorreto</i>) best of all, (18) they (<i>incorreto</i>) live in (19) another (<i>incorreto</i>) country, so (20) there is no way we can (21) both-er (<i>incorreto</i>) each (22) other (<i>incorreto</i>)!

No texto espontâneo, apareceram as seguintes palavras que destacamos: (1) with; (2) brother; (3) although; (4) think; (5) that; (6) the; (7) together; (8) with [segunda vez]; (9) other; (10) together [segunda vez]; (11) these. Destas: Em (1) o sujeito pronunciou [f] ao invés do “th”; (2) foi pronunciado com [d]; (3) foi pronunciado com [d]; (5) foi pronunciado com [d]; (6) foi pronunciado com [d]; (7) foi pronunciado com [d]; (8) foi pronunciado com [f]; (9) foi pronunciado com [d]; (10) foi pronunciado com [d]; (11) foi pronunciado com [d]. O sujeito B pronunciou todas as palavras corretamente.

PALAVRAS
SUJEITO B
Hat (correto); Rat (correto); Herb (correto); Hour (correto); Habit (correto); Rabbit (correto); Thank (correto); Thousand (correto); Something (correto); Everything (correto); North (correto); Bath (correto); These (correto); Though (correto); Father (correto); Weather (correto)

Quanto às frases, no item (5), o sujeito pronunciou “brother” com [d]; no item (6), o sujeito pronunciou “together” com [d]; no item (7), o sujeito pronunciou “brother” com [d].

FRASES
SUJEITO B
(1) Something’s wrong here. (correto) (2) Do you think she’s coming? (correto) (3) Happy Birthday! (correto) (4) She’ll be here on Thursday. (correto) (5) My mother is going to bathe my brother. (incorreto) (6) Let’s breathe together. (incorreto) (7) My father hopes my brother will teethe soon. (incorreto)

No primeiro parágrafo (3) foi pronunciado com /D/; (4) foi pronunciado com /D/ e omitindo o [t] final de maneira a se aproximar da pronúncia de “though”.

PARÁGRAFO 1
SUJEITO B
(1)Three (2) thin (3) thieves (<i>incorreto</i>) (4) thought (<i>incorreto</i>) it was possible to come in (5) through the (6) bathroom window. (7) Thief number one (8) threw the rope and climbed up; (9) thief number two told number (10) three to count to (11) thirty and let go. (12) Thief number (13) three didn’t know his math, counted to (14) thirteen instead, and (15) both fell into some (16) thorny bushes below.

No segundo parágrafo (1) foi pronunciado com /tS/; (4) foi pronunciado com [d]; (5) foi pronunciado com [t]; (9) foi pronunciado omitindo o fonema do “th”; (10) foi pronunciado com [d]; (11) foi pronunciado com [d]; (13) foi pronunciado com [t]; (14) foi pronunciado com [d]; (19) foi pronunciado com [d]; (20) foi pronunciado com [d]; (21) foi pronunciado como “brother”; (22) foi pronunciado com [d].

PARÁGRAFO 2
SUJEITO B
(1) These (<i>incorreto</i>) are my (2) mother, my (3) father and my (4) brother (<i>incorreto</i>). (5) Although (<i>incorreto</i>) (6) they don't look like me, (7) there are many ways in which we are similar. (8) They are (9) trustworthy (<i>incorreto</i>) and (10) they (<i>incorreto</i>) never tell each (11) other (<i>incorreto</i>) lies. (12) Clothing is (13) rather (<i>incorreto</i>) unimportant to (14) them (<i>incorreto</i>), as (15) they believe it's what's inside (16) that counts. And (17) the best of all, (18) they live in (19) another (<i>incorreto</i>) country, so (20) there (<i>incorreto</i>) is no way we can (21) bother (<i>incorreto</i>) each (22) other (<i>incorreto</i>)!

No texto espontâneo apareceram as seguintes palavras que destacamos: (1) father; (2) mother; (3) with; (4) them; (5) though; (6) some things; (7) together; (8) these; (9) them; (10) that. Todas as palavras destacadas foram apresentadas com o correto uso de /θ/ e /D/.

As ocorrências do sujeito C foram: no item (8) com [t]; o item (12) com [f]; o item (13) com [d]; o item (14) com [t]; o item (15) com [d] e o item (16) com /θ/.

PALAVRAS
SUJEITO C
Hat (correto); Rat (correto); Herb (correto); Hour (correto); Habit (correto); Rabbit (correto); Thank (correto); Thousand (incorreto); Something (correto); Everything (correto); North (correto); Bath (incorreto); These (incorreto); Though (incorreto); Father (incorreto); Weather (incorreto)

Quanto às frases, no item (4), o sujeito pronunciou “Thursday” com [t]. No item (5), o sujeito pronunciou “mother” e “brother” com [d]. No item (6), o sujeito pronunciou “breathe” com [fi:] e “together” com [d]. No item (7), “father” e “brother” foram pronunciados com [d] e “teethe” foi pronunciado como “teach”.

FRASES
SUJEITO C
(1) Something's wrong here. (correto) (2) Do you think she's coming? (correto) (3) Happy Birthday! (correto) (4) She'll be here on Thursday. (incorreto) (5) My mother is going to bathe my brother. (incorreto) (6) Let's breathe together. (incorreto) (7) My father hopes my brother will teethe soon. (incorreto)

No primeiro parágrafo, (3) foi pronunciado com [t]; (4) foi pronunciado com [t]; (5) foi pronunciado com [t]; (7) foi pronunciado com [t]; (8) foi pronunciado com [t]; (9) foi pronunciado com [t]; (10) foi pronunciado com [t]; (11) foi pronunciado com [t]; (12) foi pronunciado com [t]; (13) foi pronunciado com [t] e (14) foi pronunciado com [t].

PARÁGRAFO 1
SUJEITO C
(1) Three (2) thin (3) thieves (<i>incorreto</i>) (4) thought (<i>incorreto</i>) it was possible to come in (5) through (<i>incorreto</i>) the (6) bathroom window. (7) Thief (<i>incorreto</i>) number one (8) threw (<i>incorreto</i>) the rope and climbed up; (9) thief (<i>incorreto</i>) number two told number (10) three (<i>incorreto</i>) to count to (11) thirty (<i>incorreto</i>) and let go. (12) Thief (<i>incorreto</i>) number (13) three (<i>incorreto</i>) didn't know his math, counted to (14) thirteen (<i>incorreto</i>) instead, and (15) both fell into some (16) thorny bushes below.

No segundo parágrafo (2) foi pronunciado com [d]; (3) foi pronunciado com [d]; (4) foi pronunciado com [d]; (5) foi pronunciado com [t]; (7) foi pronunciado com [d]. (9) foi pronunciado com [f]. (10) foi pronunciado com [d]. (11) foi pronunciado com [d]. (12) foi pronunciado com [t]. (13) foi pronunciado com [t]. (14) foi pronunciado com [d]; (16) foi pronunciado com [d]; (17) foi pronunciado com [d]. (18) foi pronunciado com [d]; (19) foi pronunciado com [d]; (20) foi pronunciado com [d]; (21) foi pronunciado como "brother"; (22) foi pronunciado com [d].

PARÁGRAFO 2
SUJEITO C
(1) These are my (2) mother (<i>incorreto</i>), my (3) father (<i>incorreto</i>) and my (4) brother (<i>incorreto</i>). (5) Although (<i>incorreto</i>) (6) they don't look like me, (7) there (<i>incorreto</i>) are many ways in which we are similar. (8) They are (9) trustworthy (<i>incorreto</i>) and (10) they (<i>incorreto</i>) never tell each (11) other (<i>incorreto</i>) lies. (12) Clothing (<i>incorreto</i>) is (13) rather (<i>incorreto</i>) unimportant to (14) them (<i>incorreto</i>), as (15) they believe it's what's inside (16) that (<i>incorreto</i>) counts. And (17) the (<i>incorreto</i>) best of all, (18) they (<i>incorreto</i>) live in (19) another (<i>incorreto</i>) country, so (20) there (<i>incorreto</i>) is no way we can (21) bother (<i>incorreto</i>) each (22) other (<i>incorreto</i>)!

O sujeito C se recusou a fazer a última parte da pesquisa. Portanto não há dados a serem analisados quanto ao seu texto espontâneo.

Repetimos aqui que quando os fonemas /T/ e /D/ foram trocados por [f], [s], [d] e mantiveram a inteligibilidade, não consideraremos um contexto de dificuldade, mas um fenômeno já abordado acima que o Inglês tem encontrado por ser uma língua de alcance internacional.

No item (7) das frases, todos os sujeitos pronunciaram “teethe” como “teach”. No primeiro parágrafo, Sujeito B pronunciou “thought” com /D/ e omitindo [t], de maneira que sua pronúncia se tornou semelhante à de “though”.

No parágrafo 2, todos os sujeitos pronunciaram o item (9) “trustworthy” com hesitação e usando [f] no lugar de /D/. O item (21) “bother” foi, por todos os sujeitos, também, pronunciado como “brother”.

Os contextos analisados nos mostraram dois elementos que dificultaram a pronúncia, os quais são: a complexidade do contexto de uso (como explicado acima), e o desconhecimento da palavra a ser pronunciada. A relação do léxico e do número de elementos a serem pronunciados se revelou o grande obstáculo. Se apenas uma destas dificuldades estava presente, os sujeitos nem sempre apresentaram uma pronúncia ininteligível; quando, porém, as duas dificuldades estavam presentes, os sujeitos, em todos os casos, apresentaram uma pronúncia ininteligível.

Quanto às perguntas a serem respondidas nesta pesquisa, chegamos às seguintes considerações: preparamos o material para coletar os dados pensando nos contextos em que as palavras com “th” estariam, se isoladas, em frases, em parágrafos, ou num texto preparado com alguns minutos de antecedência pelos sujeitos. Usamos palavras que contemplassem os seguintes ambientes fonológicos: começo de palavra, meio de palavra, e final de palavra. Após analisarmos os dados, entretanto, percebemos que as dificuldades de pronúncia não tiveram relação direta com os ambientes fonológicos, mas com os contextos (novamente, no sentido em que estamos considerando o termo) em que se encontravam as palavras. Enquanto palavras isoladas, os sujeitos as pronunciaram com grande precisão; se em frases, a precisão diminuiu; e nos parágrafos e no texto que os próprios sujeitos produziram, o nível de precisão foi pequeno. Observamos que todos os sujeitos demonstraram este comportamento, ainda que em níveis diferentes. Podemos suspeitar que os sujeitos, enquanto se focaram apenas em uma palavra, tinham tempo para refletir em sua pronúncia antes de efetuar-la. Porém, a necessidade de pronunciar outras palavras juntamente e de produzir sentido por meio da prosódia e os itens que se tornam presentes a partir do momento em que temos uma sentença, prejudicaram a precisão de pronúncia dos sujeitos.

Considerações finais

Através de muitos meios e abordagens, apresentamos /θ/ e /D/ aos alunos participantes da monitoria mais de uma vez. Em nossa pesquisa constatamos que o que dificulta a pronúncia é o desconhecimento das palavras e a complexidade do contexto. Se já faziam parte do léxico do sujeito, ou se estavam isoladas, não apresentaram problemas quanto à pronúncia de /θ/ e /D/. Se não faziam parte do léxico do sujeito nos momentos em que estavam em uma frase, parágrafo ou texto, estas causavam hesitação e a pronúncia realizada era distorcida. Pode-se continuar essa pesquisa trabalhando maneiras de instrução para pronunciar palavras cujo significado é desconhecido pela Fonética e Fonologia da Língua Inglesa e Portuguesa, e tentando levantar os momentos nos quais a pronúncia inteligível é aceitável e os momentos nos quais não o é.

Referências bibliográficas

BROWN, H. Douglas. *Teaching by Principles: an interactive approach to language pedagogy*. Nova York: Pearson, 2007.

CELCE-MURCIA, Marianne; BRINTON, Donna M.; GOODWIN, Janet M. *Teaching Pronunciation – A Reference Book for Teachers of English to Speakers of Other Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CORBETT, John. *Intercultural Language Activities*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

GODOY, Sonya M. Baccari de; GONTOW, Cris; MARCELINO, Marcello. *English pronunciation for Brazilians: the sounds of American English*. São Paulo: Disal, 2006.

GOMES, Maria. *Uma reflexão sobre o inglês como língua franca e os novos rumos para o ensino de pronúncia com a linguística probabilística*.

Disponível em: <http://celsul.org.br/Encontros/09/artigos/Maria%20Gomes.pdf>.

Data de acesso: 22/05/2011: 23:00h.

JONES, Rodney H. Beyond 'Listen and Repeat': Pronunciation Teaching Materials and Theories of Second Language Acquisition, in: RICHARDS, Jack; RENANDYA, Willy. *Methodology in Language Teaching – An Anthology of Current Practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

KENWORTHY, Joanne. *Teaching English Pronunciation*. Longman Handbooks for Language Teachers. Nova York: Pearson, 1987.

LIEFF, Camilla Dixo; POW, Elizabeth M.; NUNES, Zaina Abdalla. *Descobrendo a pronúncia do Inglês*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

SMITH, Larry; BISAZZA, John. The comprehensibility of three varieties of English for college students in seven countries. *Language Learning*, v. 32, n. 2, p. 259-269, 1982.

Artigo recebido em 28/07/2011

Aceito para publicação em 28/02/2012

ANEXOS

UNIFESP – PESQUISA DO PROGRAMA DE MONITORIA DE INGLÊS

Monitores

Daniel de Oliveira Paiva

Jessica Barreto Barbosa da Silva

Palavras:

- | | |
|-------------|----------------|
| 1. Hat | 9. Something |
| 2. Rat | 10. Everything |
| 3. Herb | 11. North |
| 4. Hour | 12. Bath |
| 5. Habit | 13. These |
| 6. Rabbit | 14. Though |
| 7. Thank | 15. Father |
| 8. Thousand | 16. Weather |

Frases:

1. Something's wrong here.
2. Do you think she's coming?
3. Happy birthday!
4. She'll be here on Thursday.
5. My mother is going to bathe my brother.
6. Let's breathe together.
7. My father hopes my brother will teethe soon.

Parágrafos:

(1) Three (2) thin (3) thieves (4) thought it was possible to come in (5) through the (6) bathroom window. (7) Thief number one (8) threw the rope and climbed up; (9) thief number two told number (10) three to count to (11) thirty and let go. (12) Thief number (13) three didn't know his math, counted to (14) thirteen instead, and (15) both fell into some (16) thorny bushes below.

(1) These are my (2) mother, my (3) father and my (4) brother. (5) Although (6) they don't look like me, (7) there are many ways in which we are similar. (8) They are (9) trustworthy and (10) they never tell each (11) other lies. (12) Clothing is (13) rather unimportant to (14) them, as (15) they believe it's what's inside (16) that counts. And (17) the best of all, (18) they live in (19) another country, so (20) there is no way we can (21) bother each (22) other!

Conversa:

O tópico é: Vida familiar.

Use obrigatoriamente as palavras: House, father (or mother), something (or everything), that, this, the, though (or although).